

## IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NA PÓS-GRADUAÇÃO: O QUE NOS CONTAM MESTRANDOS(AS) DO PROFLETRAS

## COVID-19 PANDEMIC'S IMPACTS IN THE GRADUATE SCHOOL: WHAT THE PROFLETRAS' MASTERING STUDENTS TELL US

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n3p265-279

Luiza Helena Oliveira da Silva<sup>1</sup>  
Naiane Vieira dos Reis Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, analisamos os relatos de professores matriculados no Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS) a respeito de suas experiências de pesquisa e docência no contexto da pandemia de Covid-19, especialmente em momento de incerteza quanto aos rumos da educação e da pesquisa, no ano de 2020. Para tanto, mobilizamos categorias da semiótica discursiva, observando no discurso dos mestrados as paixões malevolentes e benevolentes em torno do acontecimento pandêmico. O discurso de impotência e frustração marca o relato de professores-pesquisadores em um momento de intensa precarização das condições de trabalho na educação.

**Palavras-chave:** PROFLETRAS; modalização; paixões; acontecimento; pandemia

**Abstract:** In this article, we analyze the accounts of teachers enrolled in the Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS) about their experiences of research and teaching in the context of the Covid-19 pandemic, especially in a moment of uncertainty about the directions of education and research, in the year 2020. To do so, we mobilized categories of discourse semiotics, observing in the discourse of master's students the malevolent and benevolent passions around the pandemic event. The speech of impotence and frustration marks the report of teacher-researchers in a moment of intense precariousness of working conditions in education.

**Keywords:** PROFLETRAS; modalization; passions; event; pandemic

### Introdução

E continuamos. É tempo de muletas.  
Tempo de mortos faladores  
e velhas paralíticas, nostálgicas de bailado,

<sup>1</sup> Mestre e doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (PPGLIT/UFNT). Líder do GESTO – Grupo de Estudos do Sentido – Tocantins. Bolsista CNPq PQ2. E-mail: luiza.to@uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5886-6809>

<sup>2</sup> Mestre e doutora em Letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Professora do Instituto Federal do Ceará (IFCE), *campus* de Crateús. Membro do GESTO – Grupo de Estudos do Sentido. E-mail: naianevieira@uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1117-3655>

mas ainda é tempo de viver e contar.  
Certas histórias não se perderam.

Carlos Drummond de Andrade, *Nosso tempo*

O trabalho que apresentamos emerge de uma pesquisa realizada por meio de formulário eletrônico enviado a alunos e alunas do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, PROFLETRAS, em fevereiro de 2021. Destinava-se gerar dados sobre os impactos da pandemia da COVID-19 junto aos mestrandos e mestrandas matriculados(as) no ano de 2020 para atender inicialmente a um dos questionamentos trazidos pela Plataforma Sucupira, que reúne informações necessárias à avaliação dos programas de pós-graduação no país.

Em 2020, esses docentes em formação encontravam-se em processo de finalização da escrita de sua pesquisa. Em função da excepcionalidade imposta pela pandemia, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), além dos dados já previstos para lançamento no sistema de avaliação da pós-graduação, demandou às coordenações informações a respeito dos efeitos da pandemia. Para esse fim, elaboramos um questionário breve, composto de oito perguntas. As duas primeiras relacionavam-se à identificação (nome, unidade de origem), a terceira indagava sobre ter sido ou não contaminado(a) pelo coronavírus, a quarta sobre contágio de familiares próximos, a quinta sobre cuidados com infectados, a sexta questionava sobre impactos de natureza emocional, a sétima indagava a respeito dos impactos sobre a produção acadêmica e a última era um espaço livre para comentários.

Responderam ao questionário 338 mestrandos e mestrandas. Desse total, 162, quase metade, portanto, elaboraram pequenos textos relativos a essa última questão aberta a comentários livres relativos aos impactos da pandemia. Para a Sucupira, fizemos uma síntese com dados de ordem mais quantitativa, acrescida de breve análise dos depoimentos registrados na questão aberta. São esses depoimentos que selecionamos como *corpus* deste trabalho. Por razões éticas, a identidade dos autores dos depoimentos é omitida. Indicações a respeito do gênero podem ser depreendidas do emprego das desinências ou da referência a companheiros e companheiras: “minha esposa”, “meu marido” etc.

Considerando que o ensino fundamental é predominantemente área de atuação de professoras, há implicações relativas à condição de gênero, porque, no contexto brasileiro, a maternagem e os cuidados com familiares constituem-se como obrigações assumidas prioritariamente pelas mulheres (REIS, 2020), o que resultou em desafios específicos enfrentados pelas professoras pesquisadoras nessa etapa de formação em nível de mestrado.

Ademais, considera-se que, no campo acadêmico, em um momento histórico com demanda excessiva de serviço de cuidado, o qual é majoritariamente exercido por mulheres, principalmente quando consideramos o contexto e isolamento sanitário no espaço doméstico, ainda que não seja aqui o nosso foco, o recorte de gênero deve ser lembrado, pois as pesquisadoras tiveram mais dificuldade em manter sua produtividade. Uma das explicações está relacionada à carga mental e de serviços de reprodução social prestados que incide sobre a própria capacidade de manter-se engajada no campo científico, principalmente quando ainda são levados em consideração fatores como classe social, raça e maternidade. Embora merecendo especial atenção, essa dimensão não foi por nós levada em conta neste trabalho. Também não fizemos recorte por unidades e sua indicação geográfica, mas estas podem aparecer nos relatos, como nas referências ao estado do Paraná ou à cidade de Duque de Caxias.

O que nos interessou mais de perto, a partir das regularidades evidenciadas pelo dizer, foram os relatos que traduzissem a dimensão afetiva, no sentido de explicitar paixões malevolentes, em função da experiência do acontecimento de viver, trabalhar e pesquisar na pandemia. Vivida em seu apogeu, tudo se mostrava incerto e, por isso mesmo, estávamos eles, elas e nós como incapazes de organizar o caos vivido, atribuindo-lhe sentido. O excedente produzido pelos impactos do acontecimento obstacularizava a razão, demandada por aqueles que, como atores no ambiente escolar e na universidade, deveriam mobilizá-la como reação à aparição do inesperado e seus efeitos.

Antes de passarmos propriamente à análise, agradecemos aos professores e professoras, na sua quase totalidade hoje na condição de egresso(a)s, que compartilharam suas impressões sobre esse momento peculiar da nossa história de sujeitos. Como docentes de escolas públicas de diferentes estados do país, expressaram ali suas angústias com relação ao ensino remoto, preocupados(as) com a aprendizagem de seus(suas) alunos(as), a desigualdade das condições de acesso dos estudantes à tecnologia digital, o excedente de trabalho, a necessidade de se apropriarem de ferramentas digitais até então pouco exploradas na educação. Falam, portanto, sobretudo, como professores e professoras que se dividem, ou se multiplicam, entre as atividades de ensinar e aprender, um braço na educação básica; outro na universidade, num trânsito que busca produzir mudanças na escola pública, mesmo diante do inesperado, do inusitado de uma doença desconhecida, do luto produzido em todo o mundo, agravado pelo descabro que foi o enfrentamento da pandemia por parte da gestão pública no país. Considerando o contexto de produção, pensemos que escreveram nos primeiros meses de 2021, num momento, portanto, anterior à vacinação em massa, com números ainda crescentes de

contaminações e mortes, atravessados pelas incertezas quanto a um efetivo modo de combate à pandemia. Como tópico principal, remetem à experiência de produzir um trabalho final de curso de mestrado com tantas forças agindo em direção contrária, forças antagonistas que incidiam para inviabilizar o sucesso da empreitada e alteravam modos de pesquisa no âmbito do programa. Com tantos antagonistas, quem foram os adjuvantes?

Como linguistas, valemo-nos da semiótica discursiva para leitura dos dados, mobilizando principalmente a noção de acontecimento (ZILBERBERG, 2011) e estudos sobre as paixões (GREIMAS; FONTANILLE, 1993; BERTRAND, 2003; FIORIN, 2007; 2008).

O trabalho está organizado em três partes. Na primeira, falamos rapidamente sobre o PROFLETRAS, considerando o que propõe como programa em rede nacional; na segunda e terceira parte, apresentamos as categorias de análise da semiótica discursiva ao lado das análises dos relatos.

## 1 Um programa em rede

O Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS) nasceu como resposta a uma demanda da CAPES à então Área de Letras/Linguística. Para sua elaboração, contou com a participação de docentes de universidades das cinco regiões do país sob a coordenação do professor Dermeval da Hora e equipe técnica da UFRN, mobilizada para registrar um grande volume de dados necessários ao APCN<sup>3</sup>. Foi recomendado pelo Conselho Técnico Científico da Educação Superior em 2012 e homologado pelo Conselho Nacional de Educação em 2013. Em 2022 alcança, portanto, seu nono ano.

Como lemos em seu histórico, o programa alinha-se ao Plano Nacional de Pós-graduação correspondente à década 2011-2020. O referido plano definia que a educação básica seria foco estratégico de todo o sistema nacional de educação, ressaltando a necessidade de oferta de educação de qualidade para todos e valorização dos profissionais que nela atuam. Nesse sentido, ressaltava a necessidade de investimentos na formação continuada de docentes, o que coadunava com a meta número 16 do Plano Nacional de Educação: Formar 50% dos professores da Educação Básica em nível de Pós-graduação *lato e stricto sensu*, garantindo a todos a formação continuada em sua área de atuação.

---

<sup>3</sup> Avaliação de Propostas de Novos Cursos de Pós-graduação.

A oferta do programa se faz exclusivamente por universidades públicas conveniadas, compondo uma rede que hoje abriga 42 universidades e 49 unidades. A maior concentração da oferta se dá na região Nordeste, com 23 unidades. As regiões Sul e Norte respondem cada qual com 5; o Sudeste tem 11 e o Centro-Oeste, 6. Observa-se que, quando de sua criação, em muitas das localidades que abrigam o PROFLETRAS inexistia a oferta de programas de mestrado em Letras e, quando existentes, não tinham como foco a formação de docentes da educação básica. Algumas dessas localidades, após a experiência com o mestrado profissional, conseguiram abrir também mestrados acadêmicos. O PROFLETRAS colaborou, nesse sentido, para a interiorização da pós-graduação no país.

São alunos e alunas do PROFLETRAS docentes graduados em Letras que efetivamente atuam nas salas de aula na disciplina de Língua Portuguesa em diferentes anos ensino fundamental e que comprovem sua condição de pertencentes ao quadro efetivo de professores da educação pública. Há interesse por parte da rede de expansão para docentes que atuam no ensino médio, assim como para os licenciados em Pedagogia. Como professora do Tocantins, aproveitamos para registrar a situação precária de um grande contingente de docentes das escolas públicas na condição de contratados por regime temporário, num estado que há 13 anos não realiza concurso público, o que, em certa medida, impacta na participação de professores locais ao programa a eles(as) destinado, já que seus vínculos empregatícios configuram impedimento para a composição do quadro de mestrandos do PROFLETRAS. Pensamos que, infelizmente, essa prática pode ocorrer em outros estados e municípios do país, contribuindo para a precarização dos trabalhadores da educação. Como contratados em regime temporário, esses professores não têm direito de concorrer ao nosso programa de mestrado.

Como o PROFLETRAS visa a impactar positivamente o ensino da disciplina de língua portuguesa e de um de seus principais conteúdos, a literatura, as pesquisas que resultam em trabalho final, que pode ter ou não o formato de dissertação, precisam obrigatoriamente orientar-se pela metodologia da pesquisa-ação. Mestrandos e mestrandas são convocados, pois, a desenvolver projetos em suas respectivas salas de aula, registrando e analisando os resultados do processo de intervenção. A ênfase de toda pesquisa incide, assim, sobre a prática e a reflexão sobre a prática. Afasta-se com isso de trabalhos ainda bastante comuns da produção acadêmica que apenas identificam problemas sem propor caminhos, quase sempre culpabilizando professores por insucesso de resultados. Não se filia também à ideia de que sejam formuladas propostas para a sala de aula da educação básica por parte de profissionais com pouca ou nenhuma experiência docente no chão da escola, ignorando as complexidades da educação e

limitadas a soluções advindas por quem delas não têm conhecimento e, sobretudo, vivência efetiva. Trata-se de um grande esforço de diálogo entre universidade e escola pública, com soluções que nascem desse trânsito, não estando predefinidas no âmbito do campo teórico.

Em 2020, dada a crise sanitária do país e seu enfrentamento na esfera acadêmica e, particularmente, na pós-graduação, levando ainda em conta o impacto na realização de atividades presenciais de intervenção demandadas pela elaboração do trabalho de conclusão, o Conselho Gestor do PROFLETRAS baixou a Resolução 003/2020, abrindo a possibilidade para os alunos da sexta turma de que o trabalho final pudesse ter caráter apenas propositivo, sem necessariamente resultar de sua aplicação e análise em sala de aula presencial. Necessariamente, contudo, deveriam ser apresentados produtos diversos, como sequências didáticas, material didático, desenvolvimento de software etc. Com a continuidade da pandemia em 2021, a Resolução 003/2021 confirmou a orientação para os alunos da sétima turma, ingressantes em 2021. Em fevereiro de 2022, uma nova Resolução nessa mesma direção foi editada (Resolução 02/2022). Ainda que a ampliação da vacinação iniciada tardiamente em 2021 tenha reduzido drasticamente as contaminações e mortes, essa última resolução foi elaborada considerando os casos críticos do início do ano no país, em função dos efeitos de uma nova variante do coronavírus no período das férias.

É dessa mudança de rumo no caráter da pesquisa que tratam alguns dos docentes em seus depoimentos e suas consequências para a proposta em andamento ao longo de 2020. Para exemplificar essa dimensão, trazemos um primeiro registro da fala de um(a) mestrando(a):

A pandemia afetou diretamente o andamento de minha pesquisa, pois esta seria aplicada em sala de aula e, com o fechamento das escolas e a indefinição do retorno do ensino presencial, a pesquisa ficou paralisada por um tempo, até entendermos que não haveria retorno e teríamos que realizar uma pesquisa propositiva. Foi necessário, então, toda uma reformulação da pesquisa, com apenas dois meses de prorrogação, prazo insuficiente para toda essa demanda. Além disso, todo o impacto emocional ocasionado pela pandemia afetou diretamente a qualidade da produção, causando, inclusive, doenças emocionais (fibromialgia), além do grande volume de trabalho demandado pela escola e, recentemente, o retorno do ensino presencial através do modelo híbrido, dificultando ainda mais a dedicação à escrita da dissertação. (Relato 1)

O depoimento acima traz já muitos elementos para consideração e anuncia o quanto docentes foram impactados nesse momento de formação. A indefinição quanto ao retorno das aulas presenciais dominou parte dos meses de 2020, na medida em que a pandemia se mostrava com rumos imprevisíveis, muito além do que pressupunha o enfrentamento por uma quarentena, e sem haver uma articulação significativa das instâncias superiores da política nacional no sentido de orientar as ações e mediações desse momento de crise. Sem a modalização

atualizante do saber de natureza prospectiva, o sujeito se põe aquém das condições da performance.

Na teoria semiótica, a análise da modalização/modalidade diferencia-se de outras abordagens linguísticas, considerando “o papel excepcional que desempenham na organização semiótica dos discursos, os valores modais do querer, dever, poder e saber, capazes de modalizar tanto o ser quanto o fazer” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 314). Ainda de acordo com esses autores, “A partir da definição tradicional de modalidade, entendida como ‘o que modifica o predicado’ de um enunciado, pode-se conceber a modalidade como a produção de um enunciado dito modal que sobredetermina um enunciado descritivo” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 313). Para exemplificar o conceito, observemos que, nesse Relato 1, o sujeito do fazer se declara como modalizado pelo dever e querer fazer, que são relativos à sua condição de docente e pesquisador. Querer e dever são compreendidos como modalidades virtualizantes, mas falta ao sujeito as condições para efetivamente realizar esse fazer. Para realizar-se como sujeito do fazer, necessita das modalidades atualizantes do saber e do poder. No caso em questão, o sujeito não sabe e, portanto, também não pode fazer, isto é, não conta com as competências necessárias para a realização de sua performance. A tensão entre essas modalidades cria os efeitos passionais como o da impotência, insatisfação e angústia, que vamos identificando como recorrentes nos relatos dos docentes. O real aparece ali como excessivo, com excedente de demandas que tem relação contraditória com tempo exíguo para atender a emergências da vida acadêmica e profissional.

Lembremos que o poder público não deliberou de modo homogêneo nas diferentes localidades do país e tivemos decisões distintas quanto ao quantitativo de meses com fechamento e suspensão de aulas nas escolas, início de adoção de aulas remotas, produção de roteiros e material didático para alunos sem acesso à Internet, retorno presencial por meio de aulas híbridas etc. Diante do quadro, a Resolução 003/2020 abriu a possibilidade de novo formato de pesquisa, mas, nesse sentido, o que estava previsto pelos projetos em andamento precisou ser reformulado, servindo como mais um fator de instabilidade para os docentes. O depoimento salienta ainda o excedente de trabalho advindo das novas práticas educativas e os efeitos emocionais, constante que reconhecemos em praticamente todos os relatos dos questionários. Como resultado, o sujeito em seu depoimento associa esse estado de coisas ao adoecimento, com a fibromialgia.



## 2 Dos afetos e das paixões

Para análise dos dados, mobilizamos, conforme anunciado, a semiótica discursiva, em termos gerais definida como teoria da significação. Nos seus fundamentos, encontra-se a noção de narratividade, da qual emergem estudos sobre as paixões, sistematizados inicialmente por Greimas e Fontanille (1993).

As paixões nessa teoria do discurso não correspondem a uma abordagem psicologizante o que, conforme Bertrand, faria com que a análise saísse de seu campo de pertinência. Tratou-se, pois, de levar em conta “não aquilo em que ela [a paixão] afeta o ser efetivo dos sujeitos ‘reais’, mas enquanto efeito de sentido inscrito e codificado na linguagem” (BERTRAND, 2003, p. 358). O que apresentamos aqui em termos de análise resulta, portanto, do esforço de leitura dos efeitos de sentido produzidos pelos relatos de sujeitos que colaboraram com a pesquisa, considerando o que narram e como narram suas experiências e vivências na pandemia.

Como adverte Fiorin, a semiótica ocupa-se das “paixões de papel” (FIORIN, 2008, p. 60), construídas por dois processos. Num primeiro, traduz-se na cadeia sintagmática do discurso pelas transformações dos estados de alma do sujeito de estado; num segundo, evidencia-se pelas escolhas do sujeito da enunciação projetadas no texto enunciado.

Mobilizando metáforas, Greimas e Fontanille defendem que essas duas dimensões são, inclusive, co-ocorrentes, ainda que correspondendo a processos distintos:

As paixões aparecem no discurso como portadoras de efeitos muito particulares; ele exala como que um cheiro confuso, difícil de determinar. A interpretação que a semiótica reteve é que esse perfume específico emana da organização discursiva das estruturas modais. Passando de uma metáfora à outra, poder-se-ia dizer que esse efeito de sentido provém de certo arranjo molecular: não sendo propriedade de nenhuma molécula em particular, ele resulta de sua disposição do todo. Uma primeira constatação impõe-se: a sensibilização passional do discurso e sua modalização narrativa são co-ocorrentes, não se compreendem uma sem a outra, e, no entanto, são autônomas, submissas provavelmente, ao menos em parte a lógicas diferentes. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 21)

Tendo em vista que esses dois processos são co-ocorrentes, o “cheiro confuso” que exala pode ser em termos metodológicos identificado nas estruturas narrativas, analisando-se as transformações dos estados de alma dos sujeitos, modificados por efeito de modalizações diversas, quanto pelo modo como se enuncia, isto é, levando-se em conta que o modo de dizer traduz um sujeito que se deixou afetar sensivelmente, explicitando pelas escolhas que faz o atravessamento do dizer pela dimensão do sofrer.

O interesse pelas paixões emerge num segundo momento da semiótica que tem na narratividade sua matriz fundadora, privilegiando, inicialmente, as relações de aquisição e



partilha de objetos ou partilha de valores inscritos nos objetos pela dinâmica intersubjetiva construída por um destinador e um destinatário. Disso decorrem enunciados de junção (disjunção e conjunção), relativos aos estados (respectivamente correspondentes à privação e posse dos objetos), assim como as transformações dos estados dos sujeitos implicados.

Com as paixões, a teoria passou a considerar as dimensões do afeto, levando em conta os diferentes estados de alma dos sujeitos, as instabilidades do ser. Tomando a definição do dicionário francês Petit Robert, a paixão corresponde a “estado ou fenômeno afetivo e intelectual muito forte, capaz de dominar a vida do espírito pela intensidade dos seus efeitos, ou pela permanência da sua ação” (BERTRAND, 2003, p. 360). Delineiam-se aí as dimensões da intensidade e da extensidade (permanência) que organizam a aspectualidade relativa ao componente passional.

Em termos de uma narrativa elementar, poderíamos trazer os números de docentes (destinatários) que concluíram o mestrado em 2020 ou 2021, considerando com isso que foram sancionados positivamente, realizando a boa performance pretendida pelo programa (destinador), dando disso provas de sucesso a CAPES/UAB<sup>4</sup> que o financiam e precisam justificar investimentos públicos. Estaríamos no âmbito dos limites de uma semiótica da ação levada a extremos de simplificação para efeitos de um bom relatório e talvez fosse até isso o que nos tenha sido demandado pela Plataforma Sucupira durante o fechamento da Avaliação Quadrienal (2017-2020).

Principiamos, contudo, por levantar dados sobre o adoecimento dos docentes, o cuidado com familiares, a tradução da experiência de viver a crise sanitária em efeitos passionais, os impactos diretos sobre a produção demandada pelo programa e, por fim, terminamos por abrir a possibilidade de escrita de relatos de sujeitos do fazer, mas, sobretudo, do sofrer, seja pela intensidade das paixões, seja pela extensidade de sua duração.

Recorrendo às regularidades identificadas nos relatos, temos um excedente relativo ao dever fazer, e dever fazer já, respondendo à imediaticidade do acontecimento, enquanto o sujeito do fazer se encontra fragilizado pelas paixões que o dominam, além de não se julgar competente para a ação. O saber, então, que deveria anteceder como modalização atualizante, constrói-se concomitantemente ao fazer, pela urgência de respostas demandadas aos docentes. Vejamos fragmentos de alguns dos depoimentos:

---

<sup>4</sup> Como programa da CAPES, o PROFLETRAS tem seus recursos advindos da UAB, Universidade Aberta do Brasil.

Para cada parte do dia, eu, particularmente, tinha um horário já comprometido. Aulas, reuniões, planejamentos diários, atendimento aos alunos e preparação das aulas com uso de metodologias que envolviam o saber tecnológico fizeram e continuam fazendo parte dessa nova forma de fazer a educação. (Fragmento do Relato 2)

Ademais, a rotina dos professores da educação básica mudou drasticamente nesse período. O trabalho invadiu a nossa vida privada, ocupando tempo e espaço que antes eram dedicados a outras demandas. Sentimos, mais que ninguém, as fragilidades de nossos alunos e oferecer-lhes o máximo possível passou a ser mais que uma obrigação profissional, mas uma missão humanitária. As constantes notícias de colegas e alunos contaminados e/ou mortos tiraram nossa paz, já que até o momento não há uma política efetiva de vacinação da classe docente. (Fragmento do Relato 3)

Tive vontade de desistir de tudo, várias vezes durante o ano passado. (Fragmento do Relato 4)

No relato 2, são enumeradas as ocupações relativas ao fazer docente, mas acresce-se o comprometimento do tempo – “para cada dia, eu particularmente, tinha um horário já comprometido”. Esse dever fazer excessivo enunciado e denunciado pelos docentes implicaria na fragilização de sua condição de sujeitos, assujeitados por uma ordem que lhes escapa. Além disso, há a urgência de aquisição de saberes relativos ao tecnológico por conta das aulas remotas. Não há tempo para tanto fazer, nem para aprender para imediatamente fazer, mas deveriam fazê-lo mesmo assim.

No relato 3, o verbo invadir no pretérito perfeito traduz os sentidos de uma intromissão inesperada. Se a ocupação com estudo, preparação de aulas, correção de atividades/avaliações está dada desde sempre pela prática docente constituída no ambiente e no tempo exteriores à escola, o excedente de fazer demandado agora é sentido como mais agressivo. Além disso, não implica apenas fazeres de natureza cognitiva, mas também de ordem afetiva, pela solidariedade aos alunos. O(a) professor(a) emprega, então, o termo “missão”, extrapolando o que se prevê do ponto de vista de uma prática profissional. Trata-se de um substantivo que, em discursos relativos ao mundo da escola, ao mesmo tempo em que superqualifica o fazer docente, o fragiliza do ponto de vista de seus direitos e conquistas, como defende Paulo Freire (2021) ao discutir a docência no campo profissional e político, pelo poder, querer e saber fazer, distanciando-se de uma dimensão exclusivamente orientada pelo afeto pouco politizado, que modaliza pelo não poder não fazer.

No relato 4, o emprego do pronome indefinido “tudo” sintetiza seus efeitos sobre o sujeito da quase impotência, além de registrar um recorrente não querer mais fazer o que se deveria fazer, diante desse tudo que é excessivo demais, para além da conta, mas que se apresenta como a dinâmica das interações atualizadas, naquilo que se convencionou chamar de “novo normal”.

Seguindo adiante, consideremos que, conforme Coquet (BERTRAND, 2003), a paixão possa ser compreendida como instância do não-sujeito, que só reconquista sua condição pela reflexão, pela retomada da razão. Poder dizer o sentir, denominar o que sente ou sentiu é, portanto, exercício de um retorno à razão, em busca da compreensão do que aconteceu ou acontece. Veja-se, como exemplo, a fala de um dos docentes, ao relatar a perda do pai pela Covid-19: “Estava com a minha defesa marcada para o começo de abril quando tudo isso aconteceu e nem sei como raciocinar direito diante desse choque” (Relato 5). Ou ainda o depoimento do(a) professor(a) que fala da morte da mãe: “Esse período tem sido bem tenso e na verdade confuso” (Relato 6).

Passionais do ponto de vista da enunciação, os relatos nos trazem as transformações de estado que caracterizaram um percurso emocional ou ainda a permanência da duração de determinados estados de alma. Como recorrentes, encontramos a moralização do vivido pela nomeação das paixões que atravessaram esses sujeitos. Trata-se predominantemente de paixões malevolentes e que não são pontuais, mas durativas. Dentre elas o medo, paixão voltada para o futuro, dado o não saber quanto ao que está por advir (FIORIN, 2008), remetendo ao não começado (FIORIN, 2007), ou o fracasso, que remete ao passado, ao já concluído, numa sanção que o sujeito atribui a si mesmo:

Sentimento de estagnação, pois estou procurando meios de realizar o trabalho docente, porém sem êxito. [...] Há também o medo de perder familiares que foram contaminados. Todos esses fatores causam desânimo e sensação de impotência. (Fragmento do Relato 7)

Estive desanimada a maioria do tempo, acredito que pelo medo de perder meus familiares e por não ver melhoras na situação do país. (Fragmento do Relato 8)

Além de todos os problemas de ordem econômica e emocional, a pressão dos programas pelo cumprimento de prazos e excesso de atividades entre *lives*, *webnários* e chamadas para publicação nos trouxe a sensação de fracasso por não atender a tudo que foi ofertado/cobrado. (Relato 9)

Predominam paixões durativas, como a da tristeza, que vai ser traduzida por alguns como depressão, assim como a angústia e a sensação de fracasso. Os sujeitos são assaltados por múltiplas paixões, o que compromete a razão demandada pelo fazer acadêmico ou pelo fazer docente. No relato a seguir, essa multiplicidade é enunciada e se observa que o enunciator busca acentuar a intensidade pelo emprego do ponto de exclamação no período inicial, síntese contundente do que virá a explicar na frase posterior: “Tenho medo! Medo do contágio em algum familiar, tristeza por saber que pessoas próximas estão morrendo, preocupação com as perdas de meus alunos e com a reorganização em seu retorno” (Relato 10).

Acompanhando de perto e não apenas por questionários tanto sofrimento por parte de mestrandos e mestrandas, a orientação dada pela coordenação nacional do PROFLETRAS, para além de resoluções formais da rede, foi a de que os coordenadores das unidades e orientadores levassem em conta nas decisões sobre a vida acadêmica principalmente a solidariedade e a compaixão, duas paixões benevolentes demandadas pelas urgências de nosso apocalíptico tempo.

### **3 Vivendo o apocalipse: o acontecimento**

Nesta última seção, incorporamos o conceito de acontecimento para acentuarmos aspectos que sobressaem nos depoimentos. Na semiótica, os estudos em torno da noção de acontecimento emergem sobretudo nos trabalhos de Claude Zilberberg (2011). Considerando as dimensões do sentir, o acontecimento se dá mediante o horizonte da percepção, levando em conta, pois, o que entra no campo de presença do sujeito. Essa aparição se apresenta para o sujeito de modo abrupto e inesperado, sendo, pois, da ordem do imprevisto, acelerado e súbito demais para que possa ser antevisto.

Como estilo tensivo, remete à descendência de um sujeito “arreatado pelo tumulto do acontecimento”, que vai caracterizá-lo no instante da vivência desse inesperado não como sujeito da retórica (capaz de dizer), mas como sujeito da precariedade da fala, de que resulta o “espanto” (ZILBERBERG, 2011, p. 25). Retomando a questão mais adiante, Zilberberg acentua no acontecimento a predominância do sensível sobre o inteligível:

O acontecimento, na qualidade de grandeza sensível, deve ser apreendido como uma inversão das valências respectivas do sensível e do inteligível. Marcado por um andamento rápido demais para o sujeito, o acontecimento leva o sensível à incandescência e o inteligível à nulidade. (ZILBERBERG, 2011, p. 190)

A inteligibilidade sobre esse instante da vivência do acontecimento se dá, portanto, quando cessam os efeitos mais impactantes. Já guardada uma boa distância, é pelo exercício da memória que o sujeito, rompendo com as forças que o empurravam para a nulidade, vai buscar produzir sentido.

Podemos, mediante explicações diversas, considerar a pandemia como efeito já anunciado, implicado por decisões de ordem climática, por exemplo. Nesse sentido, situar-se-ia no campo do já prometido e antecipado. O que nos interessa, contudo, é o modo como o sujeito narra a experiência, o modo como a constrói como inusitada, fragilizando-o por seu caráter excessivo e contundente.

Nos relatos, o léxico que traduz essa vivência acentua a dimensão apocalíptica, valendo-se de figuras que lhe servem de metáfora. A pandemia é sentida, pois, como acontecimento que naquele momento ainda guarda a intensidade dos seus efeitos, abatendo-se sobre os sujeitos. Isso se mostra no relato seguinte pelo emprego de verbos no presente do indicativo, pela enumeração dos sofrimentos decorrentes, a que se soma a desigualdade de oportunidades para seu enfrentamento em função das diferenças de classe social:

A pandemia é um momento inglório, com graves sequelas em todos os setores da vida. Parece que tudo ficou escuro, sem motivação para nada. Os sonhos estão se esvaindo, as aulas remotas excludentes, professores perdidos, desmotivados. Nossas crianças, adolescentes tristes, ansiosos, deprimidos, sem entender esse “apocalipse”, o ritmo da esperança diminuindo gradativamente, a vacina que não chega para todos e todas, desigualdade social, fome, dor, luto, perda! Até quando? (Relato 11)

Traduzindo o que escapa inicialmente a uma compreensão, docentes tomam de empréstimo a figurativização relativa ao léxico de cataclismos da natureza:

A pandemia chegou como um “tsunami” em nossas vidas e provocou inúmeras mudanças. (Fragmento do Relato 12)

Nosso país está perdido em meio ao caos e nós estamos no olho do furacão. (Fragmento do Relato 13)

[...] estar ocupada com a dissertação foi, para mim, um ponto de equilíbrio no meio desta intempérie. (Fragmento do Relato 14)

Tsunami, furacão, intempérie são figuras que exercem a função de preencher metaforicamente uma experiência inusitada e inesperada, que se abateu sobre os sujeitos de forma contundente e catastrófica. Em meio aos escombros da experiência de viver esse tempo, precisavam reagir, sair do torpor, dar sentido e, além disso, operar racionalmente como docente e, ainda, pesquisador.

Do ponto de vista dos efeitos passionais, os professores e professoras se dizem atônitos, relatando a sensação permanente de luto e desesperança. Figuras do discurso mítico são então empregadas para traduzir as dimensões do medo e da dor produzida pelo acontecimento da pandemia:

Parece que estamos vivendo um pesadelo sem fim. Para muitos o sonho acabou. Uma família de amigos nossos foi toda levada pelo vírus. Não restou nenhum. Diariamente, recebemos notícias de que um amigo se foi, pessoas saudáveis, jovens e fortes. O anjo da morte está visitando as casas e levando quem quer [...]. (Fragmento do Relato 15)

Escrevendo num momento em que a pandemia parecia não ter fim, coincidindo com as demandas da atuação como docentes e as urgências da pesquisa, os sujeitos parecem assombrados, recorrendo à esfera mítica para traduzir sua situação de sujeitos do sofrer. Atravessados pelo caos simbólico, material e político, discursivizam a pandemia e seus efeitos

no âmbito da fatalidade incontrolada, como fica evidente o último período do Relato 15, cujos efeitos sobre o sujeito e a experiência vivida são figurativizados no âmbito onírico, fatalista, como pesadelo.

### **Considerações finais**

Poderíamos expor aqui os sucessos de práticas que o PROFLETRAS adotou para vencer os desafios da pandemia, como o alcance dos *webnários* produzidos pela coordenação nacional ou a infinidade de eventos *online* promovidos pelas muitas unidades do programa. Poderíamos ainda falar dos diferentes produtos gerados pelos mestrandos e mestrandas que lutaram bravamente para produzir pesquisa frente ao inesperado, reinventando suas práticas, num grande esforço de diálogo entre escola e universidade. Poderíamos ressaltar como a rede toda se fortaleceu, na partilha de muitas experiências de norte a sul do país e na amizade produzida entre tantos pesquisadores, de diferentes campos de atuação teórica. Escolhemos, contudo, falar daquilo de que pouco se fala, tentando uma escuta mais atenta e amorosa para gente que sofreu ou ainda sofre, quase nunca ouvida pelos que deliberam sobre os rumos da educação no país.

Principiamos nosso texto com uma epígrafe, que ficou lá isolada na introdução do trabalho, como que esquecida por esta enunciadora que vos fala. Fragmento de um longo poema de Carlos Drummond de Andrade, remete a um contexto de produção também disfórico como o que ora vivemos. Houve outros momentos terríveis de guerras, genocídios, assim como pandemias, todas elas profundamente avassaladoras, determinando para a humanidade a urgência de novos modos de ser e fazer. No eu que enuncia seu tempo como “nosso”, há a desolação, que tornava todos homens partidos, ou de muletas, como nos versos recortados. A conjunção adversativa nessa passagem traz, contudo, a possibilidade de superação e algum alento: “mas ainda é tempo de viver e contar / Certas histórias não se perderam”.

Vamos viver e contar a nossa história, como sujeitos do sofrer, mas também da memória, mas também do fazer ser, para que nunca mais deixemos um genocídio ganhar tantas almas em nosso país. Vamos viver e narrar, como sujeitos de saber e da experiência, a fim de que docentes deste país não sejam discursivizados como sujeitos exclusivamente do dever fazer, como operadores, alheios e anestesiados aos eventos e acontecimentos que os cercam e afetam.

Como ex-coordenadora do PROFLETRAS e hoje coordenadora de um programa acadêmico, assumo, como muitos, o lugar da resistência e da esperança. Reverberando versos de Carlos Drummond de Andrade, falo, porém, de uma outra paixão, a indignação, que, a nosso

ver, pode ser fundamental para o compromisso com as mudanças deste país. Esta se fará certamente pela razão, mas não poderá jamais negar os afetos.

### Referências

- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- FIORIN, J. L. Semiótica e paixão. *Eutomia (Recife)*, v. 2, p. 58-67, 2008.
- FIORIN, J. L. Semiótica das paixões: o ressentimento. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, v. 51, p. 9-22, 2007.
- FREIRE, P. *Professora, sim ; tia, não: cartas a quem ousa ensinar*. 35ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Trad. Maria José Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- REIS, N. V. *Entre estudos, leituras, maternidade e trabalho: análise semiótica de histórias de vida de estudantes da área de Letras da UFT*. 187 f. 2020. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2020.
- ZILBERBERG, C. *Elementos de semiótica tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

*Recebido em 20 de novembro de 2022.*

*Aceito em 24 de janeiro de 2023.*